

GOMES, Eustáquio. Campos Sales renegociou dívida externa.
Correio Popular, Campinas, 13 set. 1994. (História das eleições)

Para os que não apreciavam ele era o "Baiacu", espécie de peixe que, segundo se diz, incha até quase arrebentar; para outros, os críticos de bastidor, ele era o "Pavão" - a imponência em pessoa; e finalmente para os que, irritados com uma de suas primeiras medidas na Presidência, o imposto sobre as estampilhas postais, desgostaram de sua política financeira, ele foi rebaixado de Campos Sales a "Campos Selos".

Em meados de 1897, quando apresentou sua candidatura à Presidência da República, na sucessão de Prudente de Moraes, seus adversários dentro do Partido Republicano começaram por contrapor um argumento de ordem geográfica. Sendo Campos Sales paulista de Campinas, que espécie de lógica recomendava que ele devesse suceder a um paulista de Itu? Na geopolítica republicana, em que a alternância é um fator de equilíbrio, realmente não fazia sentido.

O próprio Prudente inclinava-se por outra direção. Campos Sales fora seu colega de faculdade e suas carreiras políticas tinham seguido caminhos paralelos. Apesar disso, sua preferência ia toda para Bernardino de Campos, seu ministro da Fazenda. Entretanto, se o presidente não queria, o poderoso Partido Republicano Paulista (leia-se os produtores rurais) fazia absoluta questão de que o candidato oficial fosse realmente Campos Sales, governador de São Paulo.

Arrumando a casa

Tão certa era a sua vitória que, em janeiro de 1898, o embaixador brasileiro em Paris se oferece para apresentá-lo aos banqueiros europeus e especialmente aos Rothschilds. Campos Sales toma o cuidado de consultar Prudente a respeito e com expedientes desse tipo vai, aos poucos, conquistando a simpatia do presidente. A vitória do Pavão sobre seu oponente é acachapante: 420 mil votos contra menos de 40 mil dados ao senador Lauro Sodré. Uns poucos eleitores descontentes preferiram (já nessa época) a via do humor, votando em nomes como Rothschild, Conde D'Eu e Visconde Ouro Preto. Eleito, Campos Sales descansa um mês e, a 20 de abril, embarca num paquete da Mala Real Inglêsa. Sete meses antes de sentar na cadeira

presidencial, vai tratar de negociar a dívida brasileira.

Seu único companheiro de viagem foi um redator do *Jornal do Comércio*, Tobias Monteiro, que mais tarde escreveria um livro contando o périplo do presidente eleito pelas capitais européias (*O Sr. Campos Sales na Europa, 1900*). Nesse livro, Monteiro revela que Campos Sales vinha insistindo em viajar com recursos próprios e só por muita insistência de Bernardino de Campos aceitou usar para isso fundos do governo, embora estivesse oficialmente a serviço dos interesses do País. Ainda assim, ao retornar, restituui aos cofres públicos um bom saldo do que lhe fora adiantado.

De resto, a viagem foi excepcionalmente bem-sucedida. Ele se revelou um negociador sagaz. Na França foi recebido pe-

lo presidente Felix Faure e mais tarde pelos diretores do Crédit Lyonnais. De Londres, depois de uma extenuante reunião de quatro horas com os Rothschilds e de uma recepção nos aposentos do príncipe de Gales, enviou relatórios muito concisos e pertinentes, dando conta do andamento das negociações. Seu êxito chegou a provocar alta nos títulos brasileiros e na taxa cambial em toda a Europa. O acordo saiu a contento e a dívida brasileira foi renegociada.

Sua posse foi precedida de um banquete de 200 talheres que lhe ofereceu o Partido Republicano. Prudente de Moraes compareceu e ouviu a frase habilidosa e conciliadora: “É minha convicção que com o acordo realizado em Londres o governo atual entrega ao governo futuro a chave do problema financeiro.”

Campanha exemplar

Em junho de 1897, oito meses antes da eleição, o próprio Bernardino escreve a Campos Sales: "Seu nome surgiu dentre as esperanças dos políticos que rodeiam o governo, como centro de aspirações pela ordem nacional." Prudente resmunga publicamente: "A consciência não me acusa do pecado de ter apresentado a candidatura de Campos Sales à Presidência." O Baiacu, demonstrando ser um animal político, finge que o presidente lhe faz um favor: eximindo-se de apoiá-lo, livra-o das acusações que lhe preparavam seus adversários. A 10 de outubro, a convenção do partido a homologa. O Pavão segue em frente.

Sua conduta de campanha, daí por dante, é politicamente exemplar. Como o partido apresentava fissuras, faz o discurso da unidade partidária: "Não conheço senão uma família em que o direito de nascimento nada é, em que o direito de conquista é tudo, em que cada um faz o seu próprio nome em vez de recebê-lo já feito. Essa família é o Partido Republicano."

Paralelamente, declara-se inteiramente contrário à política intervencionista nos Estados, vigente na época, esboçando assim o que seria a sua vitoriosa (embora discutível) "política dos governadores".

Tem idéias claras sobre a divisão de tarefas entre os poderes: "O governo concentra-se no depositário único do Executivo, e o Legislativo não governa nem administra." Promete acabar com o mecanismo do "Conselho de Ministros", que nos governos anteriores dava ao Ministério status de colegiado deliberante, minando a força do presidente. Anuncia que o governo se voltará quase exclusivamente para a solução da questão financeira. Acerca do programa de Campos Sales, um seu adversário político escreveria mais tarde que "essa bela plataforma de trabalho ecoou no coração nacional como a esperança súbita de uma nova vida para a República".

BOCA DE URNA

O Brasil no governo de Campos Sales

- Acre proclama sua independência (1899) e o Brasil ganha a disputa com a França pelo Amapá (1900)
- A Bolívia arrenda o Acre a uma companhia americana (1901)
- Rodrigues Alves apoia a política dos governadores, pela qual o presidente passa a reconhecer senadores e deputados indicados pelos governadores em troca do apoio destes últimos.

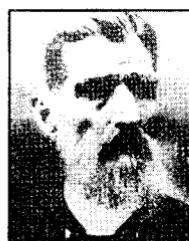
Quem foi Sales



Manuel Ferraz de Campos Sales nasceu em Campinas, em 1841, e morreu em Santos, em 1913. Formou-se em direito em São Paulo, na mesma turma de Prudente de Moraes, em 1863. Como Prudente, foi deputado provincial em São Paulo por duas vezes e, nos anos 70, incorporou-se à campanha republicana. Em 1885 representou o Estado na Câmara dos Deputados. Foi ministro da Justiça durante o governo provisório, após a Proclamação da República, senador (1891-1896) e governador de São Paulo (1896-1897), cargo que deixou para candidatar-se à Presidência da República. Durante seu governo reabilitou o crédito nacional graças sobretudo à linha de austeridade econômica colocada em prática por seu ministro da Fazenda, Joaquim Murtinho. Foi também resolvida, no período, a questão do Amapá com a França. Depois de passar a Presidência a Rodrigues Alves, foi novamente senador por São Paulo.

"A consciência não me acusa do pecado de ter apresentado a candidatura de Campos Sales à Presidência"

De Prudente de Moraes, resmungando publicamente de declaração de Bernardino de Campos, seu candidato, que passa a apoiar Campos Sales.



APURAÇÃO

Os números da eleição de 1898

Candidatos	Votação
Campos Sales	420.286
Lauro Sodré	39.929

Na Capital.



A Revista
Ilustrada
viu
assim o
retorno de
Campos Sales
da Europa,
onde ele
fora negociar
a dívida
externa, ainda
na condição
de candidato
oficial

Eis o que trouxe o ministro imperial na volta vitoriosa — muito comemorada nos salões, muitas esperanças no futuro da República que, desde que iniciou a tentativa havia regressado ao continente.
M. Lacerda.